-O GÉNIO DE PINDARO

(de Horacio)

Quem atrevido quer lutar com Pindaro, [poeta grego do século V e VI a.c.]
Fia-se em azas que pegou com cera [Ícaro quis voar com asas de cera em direção ao sol]
A arte dedálea—e hade ir dar seu nome [Dédalo – inventor e pai de Ícaro]
Ao vitreo pego. [vítreo abismo ou vítreo pássaro]

Como esse rio que engrossou co'a cheia,
E vem do monte, as ribas alagando,
Tal ferve e corre da profunda bôcca

Pindaro immenso.

Sempre dos louros apollineos digno:
Ou dithyrambos cante em novos termos, [ditirambo = canto a Bacon, que celebra o delírio]
E livre entõe numerosos versos

De regra soltos;

Ou cante os numes, ou reis sangue d'elles [ou cante os deuses]
Que justa morte deram a Centauros, [Pirítoo e Teseu e Héracles/Hércules]
E horridas chammas apagar poderam

De atra Chymera; [de medonha quimera]

Ou va coroando com os dons das musas
Os que, vencendo na corrida ou lucta,
Riccos das palmas d'Elide que cingem [palmas de Elide (região da Grécia) vem de Filinto]

Aos ceos se elevam;

Ou sôbre a espôsa abandonada chore
A quem roubaram o marido joven,
E aureos costumes e a virtude exalte,

Pragueje o inferno.

É forte a aura que, em subindo ás nuvens [aura=vento]
O dirceu cysne, lhe propelle os vôos. [Dirce=morta, virou fonte][Cisne=Leda, rainha de Esparta]
Eu, meu Antonio, como a abelha humilde

Que afadigada

Por bosque e prados, ás ribeiras humidas
Colhe do Tibur os tomilhos gratos, [Timor=antigo nome de Tivoli, na Itália]
Assim a custo meus lidados versos
Componho timido...

1823.

(Do livro *Flores sem fructo*, 1845)

A LIBERDADE

- - - - - . Quae sera tandem

Nos respicit.

 Virgil.

Os ferros?..os grilhões?...E as mãos  ja livres!

E os descarnados pulsos

 Desalgemados, soltos! — Nós escravos

Já miseros não somos?

 A patria é patria ja, nós somos homens!

Homem! tal nome é dado

Proferir sem vergonha! — os sanctos foros,

O eterno jus sagrado

Que da origem do ser nos soprou n'alma

A natureza augusta,

 Ja não são crimes! Ja não sorve o abysmo

D'esqualidas masmorras

O que intrepido ousou bradar por elles

E com livres accentos

Aos homens disse: “Erguei-vos, que sois homens!”

  Oh prodigio, oh ventura!

Oh nobre arrôjo de esforçados peitos!

Tu, doce liberdade,

 Sôlta dos torpes laços da ignorancia

Tu desprendeste o voo,

E em nossos corações, na voz, nos labios,

Oh suspirada ha tanto,

Vieste emfim pousar, vives e animas

C'o almo bafejo os Lusos.

Tu do nosso horisonte as densas trevas,

O enrevezado manto

 Da hypocrisia vil, do fanatismo,

Da tyrannia accossas;

Tu nos franqueias da existencia o góso;

E as ferrolhadas portas

Que o sacrario das leis da natureza

  Arduas téqui fechavam

Tu nos abres em par: — homens ja somos!

(Almeida Garrett, *Lírica de João Mínino*, 1829)

- poema provavelmente escrito antes de seu exílio de 1823 na Inglaterra

**A Tempestade**

*Coeco carpitur igni.*

Virg.

I
Sobre um rochedo

Que o mar batia,
Triste gemia
Um desgraçado,
Terno amador.
Já nem lhe caem
Dos olhos lágrimas,
Suspiros férvidos
Apenas contam
Seu triste amor.

II
Ondas, clamava o mísero,
Ondas que assim bramais,
Ouvi meus tristes ais!
Horrível tempestade,
Medonho furacão,
Não é mais agitado
Do que o meu coração,
O vosso despregado,
Horrisono bramar!
Ancia que atropela
Meu lânguido peito,
É mais violenta
Que o tempo desfeito,
Que a onda encapela,
Que a agita a tormenta
No seio do mar.

III
Mas, ah! se o negrume
O sol dissipara
Calmara
Seu nume,
O horror do tufão.
Assim à minha alma
A calma
Daria
De Armia
Um sorriso:
Um raio de esp’rança
Do paraíso
Traria
A bonança
Ao meu coração.

 1828

(De *Flores sem fructo*, 1845)